

Atividade Orientadas de Ensino

Brenda de Oliveira Teixeira

Prof. Camila Bellini Colussi Macedo

Tema 1: Psicanálise Aplicada

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.6-10). Capítulo I - O esquecimento de nomes próprios.

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“O processo que deveria levar à reprodução do nome perdido foi, por assim dizer, deslocado, e por isso conduziu a um substituto incorreto.” (p.7)

“Minha hipótese é que esse deslocamento não está entregue a uma escolha psíquica arbitrária, mas segue vias previsíveis que obedecem a leis.” (p.7)

“ Eu queria, portanto, esquecer algo; havia recalcado algo” (p.8)

“esqueci uma coisa contra minha vontade, quando queria esquecer intencionalmente a outra.” (p.8)

“As condições necessárias para se esquecer um nome, quando o esquecimento é acompanhado de ilusão de memória, podem ser resumidas da seguinte maneira: (1) certa predisposição para esquecer o nome, (2) um processo de supressão realizado pouco antes, (3) a possibilidade de se estabelecer uma associação externa entre o nome em questão e o elemento previamente suprimido.” (p.9)

“descobre-se com frequência cada vez maior que os dois elementos enlaçados por uma associação externa (o elemento recalcado e o novo) possuem também alguma ligação de conteúdo” (p.10)

“Dois fatores parecem decisivos para trazer à consciência os nomes substitutos: primeiro, o esforço da atenção e, segundo, uma condição interna ligada ao material psíquico” (p.10)

“junto aos casos simples de esquecimento de nomes próprios, existe também um tipo de esquecimento motivado pelo recalque.” (p.10)

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.11-14). Capítulo II - O esquecimento de palavras estrangeiras.

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“o surgimento ou não-surgimento de substitutos incorretos na memória não pode ser usado como base para qualquer distinção radical” (p.13)

“Nesse exemplo, a reprodução foi perturbada em virtude da própria natureza do tema abordado pela citação, por erguer-se inconscientemente um protesto contra a idéia desejante nela expressa.” (p.14)

“a contradição se enraíza em fontes recalcadas e decorre de pensamentos que acarretariam um desvio da atenção.” (p.14)

“Ficamos conhecendo um segundo mecanismo do esquecimento - a perturbação de um pensamento por uma contradição interna proveniente do recalcado.” (p.14)

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.15-33). Capítulo III - O esquecimento de nomes e sequências de palavras.

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“O exemplo também nos apresenta o caso não muito comum em que o esquecimento se põe a serviço de nosso bom senso, quando este ameaça sucumbir a um desejo momentâneo. Por conseguinte, o ato falho adquire uma função útil. Uma vez recobrada nossa sobriedade, damos valor à correção dessa corrente interna, que antes só se pudera exprimir através de uma falha - um esquecimento, uma impotência psíquica.” (p.16-17)

“ O comum a todos esses casos, independentemente do material, é o fato de o esquecido ou distorcido estabelecer uma ligação, por alguma via associativa, com um conteúdo de pensamento inconsciente” (p.19-20)

“Quando analiso os casos de esquecimento de nomes que observo em mim mesmo, quase sempre descubro que o nome retido se relaciona com um tema que me é de grande importância pessoal e que é capaz de evocar em mim

afetos intensos e quase sempre penosos.” (p.19)

“O motivo do esquecimento de um nome também pode ser mais sutil, consistir no que se poderia chamar de um ressentimento “sublimado” contra seu portador.” (p.22)

“O mecanismo do esquecimento de nomes (mais corretamente, de os nomes escaparem da memória, serem temporariamente esquecidos) consiste em que a pretendida reprodução do nome sofre a interferência de uma cadeia de pensamentos estranha, não consciente no momento. Entre o nome assim perturbado e o complexo perturbador existe uma conexão preexistente; ou essa conexão se estabelece, quase sempre de maneiras aparentemente artificiais, através de associações superficiais (externas).” (p.31)

“Entre os complexos perturbadores, os mais eficazes mostram ser os auto-referentes (ou seja, os complexos pessoal, familiar e profissional)” (p.31)

“Um nome com mais de um sentido e, portanto, pertencente a mais de um grupo de pensamentos (complexos) é muitas vezes perturbado em sua relação com uma sequência de pensamentos, em virtude de sua participação em outro complexo mais forte.” (p.31)

“Entre os motivos para essas interferências destaca-se o propósito de evitar que as lembranças despertem desprazer” (p.31)

“Em geral, podem-se distinguir dois tipos principais de esquecimento de nomes: os casos em que o próprio nome toca em algo desagradável e aqueles em que ele se liga a outro nome que tem esse efeito. Assim, os nomes podem ter sua reprodução perturbada por sua própria causa, ou por causa de seus vínculos ou associativos mais próximos ou mais distantes.” (p.32)

“Há também um esquecimento sucessivo de nomes em que toda uma cadeia deles é retirada da memória. Quando, na tentativa de reencontrar um nome perdido, buscam-se outros estreitamente ligados a ele, não é raro desaparecerem também esses novos nomes, que deveriam servir de pontos de apoio.” (p.33)

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.33-38). Capítulo IV - Lembranças da infância e

lembranças encobridoras.

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“As lembranças indiferentes da infância devem sua existência a um processo de deslocamento: são substitutas, na reprodução [mnêmica], de outras impressões realmente significativas cuja recordação pode desenvolver-se a partir delas através da análise psíquica, mas cuja reprodução direta é impedida por uma resistência.” (p.33)

“De vez que as lembranças indiferentes devem sua preservação, não a seu próprio conteúdo, mas a um vínculo associativo entre seu conteúdo e outro que está recalcado, elas podem fazer jus ao nome de “lembranças encobridoras” com que foram por mim designadas.” (p.33)

“relação temporal entre a lembrança encobridora e o conteúdo encoberto por ela” (p.34)

“Naquele exemplo, o conteúdo da lembrança encobridora pertencia a um dos primeiros anos da infância, ao passo que as vivências de pensamento por ela substituídas na memória, que haviam permanecido quase inconscientes, correspondiam a épocas posteriores na vida do sujeito. Designei esse tipo de deslocamento de retroativo ou retrocedente.” (p.34)

“Talvez seja mais freqüente encontrar a relação oposta: uma impressão indiferente de época recente se consolida na memória como lembrança encobridora, apesar de dever esse privilégio apenas a sua ligação com um evento anterior que as resistências impedem de ser diretamente reproduzido. Estas seriam lembranças encobridoras adiantadas ou avançadas.” (p.34)

“temos ainda a terceira possibilidade, em que a lembrança encobridora vincula-se à impressão encoberta não só por seu conteúdo, mas também pela contigüidade temporal: estas são as lembranças encobridoras simultâneas ou contíguas.” (p.34)

“Num, trata-se de uma perturbação momentânea - pois o nome agora esquecido pode ter sido corretamente reproduzido cem vezes antes, e voltará a poder sê-lo de amanhã em diante; noutro, trata-se de uma posse permanente e constante, pois as lembranças indiferentes da infância parecem ter o poder de nos acompanhar durante grande parte de nossa vida.” (p.34)

“Num, tem-se o esquecimento, no outro, a retenção.” (p.34)

“Um estudo mais detalhado revela que, a despeito das diferenças entre os dois fenômenos quanto ao material psíquico e à duração, as coincidências entre ambos predominam em muito. Ambos se referem a falhas no recordar: o que a memória reproduz não é o que deveria ser corretamente reproduzido, mas algo diverso que serve de substituto.” (p.34)

“Em ambos, uma sensação intelectual nos dá notícia da interferência de algum fator perturbador, mas o faz de formas diferentes: no esquecimento de nomes, sabemos que os nomes substitutos são falsos; nas lembranças encobridoras, ficamos surpresos por possuí-las.” (p.34)

“quando a função reprodutora falha ou se extravia, isso indica, com muito mais freqüência do que suspeitamos, a interferência de um fator partidário, de uma tendência que favorece uma lembrança, enquanto se empenha em trabalhar contra outra.” (p.35)

“É perfeitamente possível que o esquecimento da infância nos possa fornecer a chave para o entendimento das amnésias que, segundo nossas descobertas mais recentes, estão na base da formação de todos os sintomas neuróticos.” (p.35)

“Assim, somos forçados por diversas considerações a suspeitar de que, das chamadas primeiras lembranças da infância, não possuímos o traço mnêmico verdadeiro, mas sim uma elaboração posterior dele, uma elaboração que talvez tenha sofrido a influência de uma diversidade de forças psíquicas posteriores.” (p.36)

“Portanto, as “lembranças da infância” dos indivíduos adquirem universalmente o significado de “lembranças encobridoras”, e nisto oferecem uma notável analogia com as lembranças da infância dos povos, preservadas nas lendas e mitos.” (p.36)

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.39-72). Capítulo V - Lapsos da fala.

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“A perturbação da fala que se manifesta no lapso pode ser causada, em primeiro lugar, pela influência de outro componente do mesmo dito - isto é, por uma antecipação ou uma perseveração do som -, ou por outra formulação das idéias contidas na frase ou no contexto que se tenciona enunciar.” (p. 40)

“poderia resultar de influências externas à palavra, frase ou contexto, e provir de elementos que não se pretende enunciar e de cuja excitação só tomamos conhecimento justamente através da própria perturbação.” (p. 40)

“O que esse dois modos de formação dos lapsos da fala têm em comum é a simultaneidade da excitação, e o que os diferencia é situar-se a origem da perturbação dentro ou fora da frase ou contexto.” (p. 40)

“Ora, em A Interpretação dos Sonhos (1900a) demonstrei o papel desempenhado pelo trabalho de condensação na formação do chamado conteúdo manifesto do sonho a partir dos pensamentos oníricos latentes. Qualquer tipo de semelhança entre dois elementos do material inconsciente - uma semelhança entre as próprias coisas ou entre as representações de palavra - serve de oportunidade para a criação de um terceiro elemento, que é uma representação mista ou de compromisso.” (p. 42)

“A formação de substituições e contaminações ocorrente nos lapsos da fala é, por conseguinte, um começo do trabalho de condensação que encontramos em diligente atividade na construção do sonho.” (p. 42)

Entre os lapsos da fala que eu mesmo compilei, dificilmente haverá algum em que eu seja forçado a atribuir a perturbação da fala única e exclusivamente ao que Wundt [1900, 392] chama de “efeito de contato dos sons”. Quase invariavelmente descubro, ademais, uma influência perturbadora que provém de algo externo ao enunciado pretendido; e o elemento perturbador é um pensamento singular que permaneceu inconsciente, que se manifesta no lapso da fala e com frequência só pode ser trazido à consciência através de uma análise detalhada, ou então é um motivo psíquico mais geral que se volta contra o enunciado inteiro.” (p. 44)

“Noutros casos, uma combinação de palavras que soa estranha ou uma expressão que parece forçada basta para revelar que um pensamento recalcado participa dos ditos do paciente, que encobrem uma outra motivação.” (p. 56)

“Por conseguinte, tanto nas perturbações mais grosseiras da fala quanto nas mais sutis, que ainda podem ser classificadas sob o título de “lapsos da fala”, penso que não é a influência do “efeito de contato dos sons” [em [1]], mas sim a influência de pensamentos situados fora do dito intencionado, que determina a ocorrência do lapso e fornece uma explicação adequada para o equívoco ocorrido.” (p. 56-57)

“Não pretendo pôr em dúvida as leis que regem a maneira como os sons se modificam mutuamente, mas, por si só, essas leis não me parecem ter eficácia suficiente para perturbar a enunciação correta da fala.” (p. 57)

“Existem outros lapsos da fala em que podemos supor que o verdadeiro fator perturbador é alguma semelhança fonética com palavras e sentidos obscenos. A distorção e deformação deliberadas de palavras e expressões, tão caras às pessoas vulgares, têm a finalidade exclusiva de explorar ocasiões inocentes para aludir a temas proibidos; e esse jogo com as palavras é tão freqüente que nada haveria de assombroso em sua ocorrência inadvertida e contrária à vontade da pessoa.” (p. 57)

“Há pessoas muito sensatas e honestas que se ofendem quando lhes dizemos que cometeram um lapso. Eu não ousaria fazer uma generalização tão ampla quanto a de Meringer ao dizer “ninguém”. Mas o sinal de afeto que se segue à revelação do lapso, e que é claramente da natureza da vergonha, tem seu significado.” (p. 58)

“Em outros casos bem mais significativos, é a autocrítica, a oposição interna ao próprio enunciado, que obriga o sujeito a cometer um lapso da fala e mesmo a substituir pelo oposto aquilo que tenciona dizer. Com assombro, observa-se então como o texto de uma afirmação anula a intenção dela e como o lapso da fala expõe uma insinceridade interna. O lapso transforma-se aqui num meio de expressão mímica - freqüentemente, decerto, a expressão de algo que não se queria dizer: torna-se um meio de trair a si mesmo.” (p. 59)

“um lapso da fala pode ocorrer facilmente quando se faz um esforço para suprimir palavras insultuosas. Dessa maneira, dá-se vazão aos próprios sentimentos.” (p. 60-61)

“A hilaridade e a ironia que são o efeito certo desse deslizes da fala no momento crucial servem de prova contra a convenção, supostamente aceita por todos, de que o equívoco na fala é um lapsus linguae sem nenhum significado psicológico.” (p. 64)

“Isso nos leva às perturbações da fala que já não podem ser descritas como lapsos, pois o que afetam não é a palavra isolada, mas sim o ritmo e a enunciação do dito inteiro: perturbações como, por exemplo, os balbucios e gaguejos causados pelo embaraço. Mas também nesse caso, como nos anteriores, a questão é um conflito interno que nos é denunciado pela perturbação da fala.” (p. 69)

1. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.72-90). Capítulo VI - Lapsos de leitura e lapsos de escrita

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“Quanto aos erros na leitura e na escrita, constatamos que os mesmos pontos de vista e observações aplicados aos equívocos na fala também são válidos, o que não é de surpreender, considerando-se o íntimo parentesco entre essas funções.” (p. 72)

“No entanto, quanto mais difícil se revela o trabalho de solucioná-lo, maior é a certeza com que se pode prever que o pensamento perturbador finalmente descoberto será julgado por nosso pensamento consciente como algo que lhe é estranho e contrário.” (p. 74)

“Ocorre que, num imenso número de casos [1] é a predisposição do leitor que altera a leitura e introduz no texto algo que corresponde a suas expectativas ou que o está ocupando. A única contribuição que o próprio texto precisa fazer ao lapso de leitura é fornecer alguma semelhança na imagem da palavra, que o leitor possa modificar no sentido que quiser.” (p. 76)

“(10) Num segundo grupo de casos, é muito maior a participação do texto no lapso de leitura. Ele contém algo que mexe com as defesas do leitor - alguma comunicação ou exigência que lhe é penosa - e que, por isso mesmo, é corrigida pelo lapso de leitura, no sentido de um repúdio ou uma realização de desejo. Nesse casos, evidentemente, somos forçados a presumir que, de início, o texto foi corretamente entendido e julgado pelo leitor, antes de passar pela retificação, embora sua consciência nada tenha sabido dessa primeira leitura.” (p. 77)

“escritor, pois a distorção dos nomes, com muita frequência, é um meio de insultar seus portadores, como já assinalai [em. [1]] a propósito dos lapsos da fala.” (p. 79)

“Esses três erros de escrita têm em comum os seguintes pontos destacados: até agora, isso só aconteceu ao médico com esse exato medicamento; em todas as vezes, tratou-se de uma paciente feminina muito idosa, e todas as vezes a dose foi forte demais. Uma curta análise evidenciou que a relação do médico com sua mãe deve ter tido importância decisiva.” (p. 83)

“A meu ver, os atos falhos graves como esse se dão exatamente da mesma maneira que os de cunho inofensivo que costumamos investigar.” (p. 84)

“(18) As omissões na redação, naturalmente, podem ser avaliadas da mesma maneira que os lapsos de escrita.” (p. 86)

“Se a pessoa que escreve repete uma palavra que já escreveu, talvez queira assinalar com isso que não lhe foi fácil livrar-se dela, que poderia ter dito algo mais nesse ponto, mas que o omitiu, ou coisa semelhante.” (p. 86)

“(19) Além disso, nada nos impede de tratar os erros de impressão como “lapsos de escrita” do tipógrafo e de considerá-los [psicologicamente] motivados em sua grande maioria.” (p. 86)

“Wundt (1900, 374) dá uma explicação [1] digna de nota para o fato, facilmente confirmável de que é mais fácil cometermos lapsos de escrita do que lapsos da fala. ‘No curso da fala normal, a função inibidora da vontade está continuamente voltada para harmonizar o curso das representações com os movimentos articulatórios. Se o movimento expressivo que acompanha as representações é retardado por causas mecânicas, como acontece ao escrever (...), torna-se particularmente fácil o surgimento de tais antecipações’”. (p. 88)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.90 - 105). Capítulo VII - O esquecimento de impressões e intenções

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“É fácil entender esse meu esquecimento como análogo à típica perturbação do julgamento a que estamos sujeitos quando se trata de nossos parentes mais próximos.” (p. 92)

“Quando se observam em conjunto os casos de extravio, [1] torna-se realmente difícil acreditar que alguma coisa possa ser extraviada sem que isso seja produto de uma intenção inconsciente.” (p. 96 - 97)

“A tendência a esquecer o que é desagradável me parece inteiramente universal; a aptidão para isso tem graus diferenciados de desenvolvimento nas diferentes pessoas.” (p. 97)

“Assim, também nas pessoas saudáveis, não neuróticas, encontramos sinais abundantes de que uma resistência se opõe à lembrança de impressões aflitivas, à representação de pensamentos aflitivos. Mas o sentido pleno desse fato só pode ser avaliado quanto se investiga a psicologia das pessoas neuróticas.” (p. 97 - 98)

“É-se forçado a encarar como um dos pilares centrais do mecanismo portador dos sintomas histéricos esse empenho defensivo elementar contra as representações capazes de despertar sentimentos de desprazer - um empenho somente comparável ao reflexo de fuga na presença de estímulos dolorosos. Contra a suposição da existência dessa tendência defensiva não se pode objetar que, pelo contrário, é-nos freqüentemente impossível livrar-nos das lembranças aflitivas que nos perseguem e afugentar moções afetivas penosas como o remorso e as dores de consciência. Isso porque não estamos afirmando que essa tendência defensiva seja capaz de se impor em todos os casos, que, no jogo das forças psíquicas, não possa esbarrar em fatores que, por outros desígnios, aspirem ao efeito oposto e o produzam apesar da tendência defensiva.” (p. 98)

“O ponto de vista aqui desenvolvido - de que as lembranças aflitivas sucumbem com especial facilidade ao esquecimento motivado - merece ser aplicado em muitos campos que até hoje lhe concederam muito pouca ou nenhuma atenção.” (p. 98)

“Nenhum grupo de fenômenos se presta melhor do que o esquecimento de intenções para comprovar a tese de que, por si só, a falta de atenção não basta para explicar os atos falhos.” (p. 100)

“A intenção é um impulso para a ação, um impulso que já foi aprovado, mas cuja execução é adiada para uma

ocasião propícia. Ora, no intervalo assim criado, é possível que sobrevenha uma tal modificação nos motivos que a intenção não seja efetivada; nesse caso, porém, ela não é esquecida, e sim revista e anulada.” (p. 100)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p.106 - 124). Capítulo VIII - Equívocos na ação

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“Uso o termo “equívocos na ação” [“Vergreifen”] para descrever todos os casos em que o efeito falho - ou seja, um desvio do que fora intencionado - parece ser o elemento essencial; aos outros, em que é antes a ação inteira que parece inoportuna, chamo-os de “atos sintomáticos e acidentais” [“Symptom- und Zufallshandlungen”].” (p. 106)

“Assim, o ato falho era a representação simbólica de um pensamento que, na verdade, não se destinava a ser admitido de maneira séria e consciente” (p. 107)

“Observa-se que, dessa vez, foi a voz da autocritica que se fez ouvir no equívoco na ação. Para esse emprego como autocensura, os equívocos na ação mostram-se particularmente apropriados: o desacerto de agora busca representar o engano cometido em outra ocasião.” (p. 109)

“Creio realmente que devemos aceitar esse juízo para toda uma série de movimentos desajeitados aparentemente acidentais. É certo que eles exibem algo de violento e impetuoso, como os movimentos espástico-atáxicos, mas mostram-se regidos por uma intenção e alcançam seu objetivo com uma segurança de que em geral não podem vangloriar-se nossos movimentos voluntários conscientes. Além disso, partilham essas duas características - a violência e a infalibilidade - com as manifestações motoras da neurose histérica e, em parte, também com as realizações motoras do sonambulismo, o que aponta, num e noutro casos, para uma mesma modificação desconhecida do processo de inervação.” (p. 110)

“Por vezes, quando se investigam as razões da ocorrência de um desses atos falhos tão ínfimos, como é a quebra de um objeto, [1] depara-se com relações que, além de se vincularem à situação atual da pessoa, penetram profundamente em sua pré-história.” (p. 111)

“ os atos desajeitados de modo algum têm um sentido constante, mas servem como meio de representar esta ou

aquela intenção, conforme as circunstâncias” (p. 113)

“De maneira semelhante, [1] cair, dar um passo em falso e escorregar nem sempre precisam ser interpretados como falhas puramente acidentais das ações motoras. O duplo sentido que a linguagem confere a essas expressões é suficiente para indicar o tipo de fantasias guardadas que se podem representar através desses abandonos do equilíbrio corporal.” (p. 114)

“Também podemos tomar [1] como equívocos na ação os casos em que se dá a um mendigo uma moeda de ouro em vez de uma moedinha de cobre ou de prata. A explicação desses enganos é fácil; são atos sacrificais destinados a aplacar o destino, afastar a desgraça, e assim por diante.” (p. 115)

“(f)Em nenhum outro campo [1] a concepção de que na realidade os atos acidentais são deliberados há de encontrara maior crença do que na esfera da atividade sexual, onde a demarcação entre as duas possibilidades parece realmente vaga. Um bom exemplo de minha própria experiência de alguns anos atrás mostra como um movimento aparentemente desajeitado pode ser usado de maneira altamente requintada para fins sexuais” (p. 115)

“Já pude [1] fornecer provas reiteradas [ver em [1] e [2]] de que os escritores pensam nos atos falhos como tendo um sentido e um motivo, tal como venho argumentando aqui.” (p. 116)

“(g) Os efeitos produzidos pelos atos falhos das pessoas normais são, em geral, dos mais inofensivos.” (p. 116)

“Resta ainda a questão de saber se, nos erros capazes de provocar danos graves, é lícito admitirmos a possibilidade de uma intenção inconsciente, tal como fizemos nos casos já discutidos.” (p. 117)

“Se uma fúria [1] contra a própria integridade e a própria vida pode assim esconder-se por trás de uma inabilidade aparentemente acidental e de uma insuficiência motora, não é preciso um grande passo para se transferir essa mesma concepção para os erros que colocam em sério perigo a vida e a saúde de outras pessoas.” (p. 121)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p. 124 - 141). Capítulo IX - Atos casuais e sintomáticos

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“Os atos descritos até aqui [Capítulo VIII], nos quais reconhecemos a execução de uma intenção inconsciente, apareciam sob a forma de perturbações de outros atos tencionados e se ocultavam sob o pretexto da falta de habilidade. Os atos “casuais” a serem discutidos agora só diferem das ações “equivocadas” pelo fato de desprezarem o apoio da intenção consciente e, portanto, não terem necessidade de um pretexto. Aparecem por conta própria e são permitidos por não se suspeitar de que haja neles algum objetivo ou intenção. São executados “sem que se pense que há alguma coisa neles”, de maneira “puramente casual”, “só para manter as mãos ocupadas”, e se espera que essas informações ponham fim a qualquer indagação sobre o sentido do ato. Para poderem gozar dessa posição privilegiada, esses atos, que já não recorrem à desculpa da inabilidade, têm de preencher certas condições: têm que ser discretos e é preciso que seus feitos sejam insignificantes.” (p. 124- 125)

“ atos sintomáticos. Eles expressam algo de que o próprio agente não suspeita neles e que, em regra geral, não pretende comunicar, e sim guardar para si. Assim, exatamente como todos os outros fenômenos que consideramos até agora, desempenham o papel de sintomas.” (p. 125)

“Os atos do primeiro grupo (tais como brincar com a corrente do relógio, retorcer a barba etc.), que quase podem ser considerados característicos da pessoa em questão, aproximam-se dos múltiplos movimentos conhecidos como tiques e sem dúvida merecem ser examinados em relação com eles.” (p. 126)

“No segundo grupo incluo brincar com uma bengala ou rabiscar com um lápis que se tenha na mão, fazer tilintar as moedas no bolso, amassar miolo de pão e outras substâncias maleáveis, manusear a própria roupa de todas as maneiras etc. Durante o tratamento psíquico, por trás dessas ocupações com que se brinca escondem-se regularmente um sentido e significado aos quais se nega outra forma de expressão. Geralmente, a pessoa em questão não sabe que faz essas coisas, ou que introduziu modificações em suas brincadeiras habituais, e não vê nem ouve os efeitos dessas ações.” (p. 126)

“As interpretações desses pequenos atos casuais, bem como a comprovação delas, emergem a cada vez, com crescente certeza, das circunstâncias concomitantes durante a sessão, do tema nela tratado e das associações que ocorrem quando se chama a atenção para o ato aparentemente casual.” (p. 127)

“É consolador pensar que o hábito humano de “perder coisas” tem nos atos sintomáticos uma extensão

insuspeitada e que, por conseguinte, ele é bem-vindo ao menos para uma intenção secreta do perdedor. Com freqüência, ele é apenas uma expressão de despreço pelo objeto perdido, ou de uma antipatia secreta por ele ou pela pessoa de quem ele provém, ou então a inclinação a perder o objeto foi para ele transferida de outros objetos mais significativos através de uma ligação simbólica de pensamentos. A perda de coisas valiosas serve para expressar uma multiplicidade de moções; pode dar representação simbólica a um pensamento recalcado, e portanto repetir uma advertência que se gostaria de ignorar - ou, sobretudo, pode ser a oferta de um sacrifício aos obscuros poderes do destino, cujo culto ainda hoje não se extinguiu entre nós.” (p. 135)

“Um artigo um pouco mais extenso de Otto Rank (1911) [450] serve-se da análise dos sonhos para expor a disposição sacrificial que constitui a base desse atos [de perda] e revelar suas motivações mais profundas. É interessante ele acrescentar, em seguida, que muitas vezes, não apenas perder objetos, mas também achá-los, parece ser [psicologicamente] determinado.” (p. 136)

“É mister dizer [1] que são exatamente esses atos sintomáticos que costumam oferecer a melhor abordagem para a compreensão da vida anímica íntima das pessoas.” (p. 137)

“Essa e outras experiências semelhantes levaram-me a concluir que os atos realizados de maneira inadvertida tornam-se inevitavelmente uma fonte de mal-entendidos nas relações humanas.” (p. 137)

“Os menores atos habituais executados com um mínimo de atenção, tais como dar corda no relógio antes de dormir, apagar a luz antes de sair do quarto etc., vez por outra ficam sujeitos a perturbações que demonstram de maneira inconfundível a influência de complexos inconscientes sobre os hábitos aparentemente mais arraigados.” (p. 140)

“Em geral se acredita que se é livre para escolher as palavras com que se revestem os pensamentos ou as imagens com que eles são disfarçados. Uma observação mais atenta mostra que outras considerações determinam essa escolha e que, por trás da forma de expressão do pensamento, vislumbra-se um sentido mais profundo, muitas vezes não deliberado.” (p. 140)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p. 141 - 149). Capítulo X - Erros

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“Os erros de memória distinguem-se do esquecimento acompanhado por ilusões da memória unicamente por um traço: nos primeiros, o erro (a ilusão de memória) não é reconhecido como tal, mas é-lhe dado crédito. O uso do termo “erro”, contudo, ainda parece depender de outra condição. Falamos em “errar”, e não em “lembrar erroneamente”, quando desejamos enfatizar o caráter de realidade objetiva no material psíquico por reproduzir, isto é, quando pretendemos lembrar algo diferente de um fato de nossa própria vida psíquica, algo que, além disso, possa ser confirmado ou refutado pela memória das outras pessoas. A antítese do erro de memória, nesse sentido, é a ignorância.” (p. 142)

“ ali onde surge um erro oculta-se um recalçamento - melhor dizendo, uma insinceridade, uma distorção que se baseia fundamentalmente no material recalçado.” (p. 143)

“Esses erros derivados do recalçamento, devem ser claramente distinguidos de outros que se baseiam numa verdadeira ignorância.” (p. 144)

“Dentre todos os atos falhos, os erros parecem ter o mecanismo menos rígido, ou seja, a ocorrência de um erro é uma indicação geral de que atividade anímica em questão teve de lutar com alguma influência perturbadora, mas a forma específica assumida pelo erro não é determinada pela qualidade da idéia perturbadora que permaneceu na obscuridade.” (p. 144)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p. 149 - 155). Capítulo XI - Atos falhos combinados

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“Uma consideração mais cuidadosa revela que eles constituem a combinação de um esquecimento com um erro.” (p. 150)

“(6) Extravio, quebra e esquecimento como expressão de uma contavontade repelida.” (p. 152)

“(7) Esquecimento repetido - ação equivocada na execução final.” (p. 153)

“(8) Esquecimento e erro.” (p. 153)

“ a tendência perturbadora inconsciente também pode alcançar seu objetivo através da repetição obstinada do mesmo tipo de ato falho” (p. 154)

“ É que para superar o motivo desconhecido faz-se necessário algo diverso de uma intenção contrária consciente; seria preciso um trabalho psíquico capaz de tornar o desconhecido conhecido pela consciência.” (p. 155)

2. Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana. (p. 155 - 179). Capítulo XII - Determinismo, crença no acaso e superstição - alguns pontos de vista

Freud, Sigmund. *Sobre a Psicopatologia da Vida Cotidiana*. Vol. VI. 1901.

“A conclusão geral que emerge das diversas considerações anteriores pode ser formulada nos seguintes termos: Certas insuficiências de nosso funcionamento psíquico - cujas características comuns precisaremos logo adiante - e certos desempenhos aparentemente inintencionais, revelam, quando a eles se aplicam os métodos da investigação psicanalítica, ter motivos válidos e ser determinados por motivos desconhecidos pela consciência.” (p. 155)

“ Para ser incluído na classe dos fenômenos assim explicáveis, o ato falho psíquico tem de satisfazer as seguintes condições: (a) Não pode exceder certas dimensões fixadas por nossa avaliação e caracterizadas pela expressão “dentro dos limites do normal”. (b) Deve ter o caráter de uma perturbação momentânea e temporária. É preciso que tenhamos excetuado antes a mesma função de maneira mais correta ou que nos acreditemos capazes de realizá-la mais corretamente em qualquer ocasião. Ao sermos corrigidos por outra pessoa, devemos reconhecer de imediato a exatidão da correção e a inexatidão de nosso próprio processo psíquico. (c) Quando chegamos a perceber o ato falho, não devemos sentir em nós mesmos nenhuma motivação para ele, mas antes ficar tentados a explicá-lo pela “desatenção” ou ainda como uma “casualidade”” (p. 155 - 156)

“Permanecem portanto nesse grupo os casos de esquecimento [“Vergessen”] e os erros cometidos apesar de se ter um conhecimento melhor, os lapsos da fala [“Versprechen”], os lapsos de leitura [“Verlesen”], os lapsos de escrita [“Verschreiben”], os equívocos na ação [“Vergreifen”] e os chamados “atos casuais”. A própria língua [alemã] indica a identidade interna entre a maioria desses fenômenos, igualmente compostos com o prefixo “ver-”” (p. 156)

“Não nos surpreenderá [1] verificar que não só os números, mas também as associações verbais de outro tipo,

costumam revelar-se, ante a investigação analítica, plenamente determinadas.” (p. 162)

“De acordo com nossas análises, não é necessário contestar a legitimidade do sentimento de convicção de que existe um livre-arbítrio. Quando levamos em conta a distinção entre motivação consciente e motivação inconsciente, nosso sentimento de convicção nos informa que a motivação consciente não se estende a todas as nossas decisões motoras. *Mínima non curat praetor*. Mas o que é assim liberado por um lado recebe sua motivação do outro, do inconsciente, e desse modo o determinismo no psíquico prossegue ainda sem nenhuma lacuna.” (p. 164)

“A categoria do acidental, do que não requer motivação, na qual as pessoas normais incluem parte de suas próprias operações psíquicas e de seus atos falhos, é portanto rejeitada pelo paranóico no tocante às manifestações psíquicas de outras pessoas. Tudo o que ele observa no outro é repleto de significação, tudo é interpretável. O que o faz chegar a isso? Aqui, como em tantos casos semelhantes, é provável que ele projete na vida anímica do outro o que está inconscientemente presente na sua.” (p. 164)

“ Outra indicação de que possuímos um conhecimento inconsciente e deslocado de motivação dos atos casuais e dos atos falhos encontra-se no fenômeno da superstição.” (p. 165)

“ São duas as diferenças entre mim e o supersticioso: primeiro, ele projeta para fora uma motivação que eu procuro dentro; segundo, ele interpreta mediante um acontecimento o acaso cuja origem atribuo a um pensamento. Mas o oculto para ele corresponde ao que para mim é inconsciente, e é comum a nós dois a compulsão a não encarar o acaso como acaso, mas a interpretá-lo.” (p. 166)

“De fato, creio que grande parte da visão mitológica do mundo, que se estende até as mais modernas religiões, nada mais é do que a psicologia projetada no mundo externo.” (p. 166)

“A crença nos sonhos proféticos tem muitos adeptos porque pode invocar em seu apoio o fato de que muitas coisas realmente se realizam no futuro da maneira como o desejo as construíra no sonho.” (p. 168)

“ Os processos psíquicos que, de acordo com minhas observações, são os únicos responsáveis pela explicação do

“déjà vu” - a saber, as fantasias inconscientes - ainda são geralmente negligenciados pelos psicólogos, mesmo hoje em dia.” (p. 170)

“ Dito em termos sucintos, a sensação do “déjà vu” corresponde à recordação de uma fantasia inconsciente.” (p. 170)

“As incongruências, absurdos e erros do conteúdo do sonho, em consequência dos quais é difícil reconhecer o sonho como um produto da atividade psíquica, originam-se da mesma maneira - embora, decerto, com uma utilização mais livre dos recursos existentes - que os erros comuns de nossa vida cotidiana; tanto aqui quanto ali, a aparência de uma função incorreta explica-se pela peculiar interferência mútua entre duas ou mais funções corretas.” (p. 178)

“Dessa conformidade é possível extrair uma importante conclusão: o modo peculiar de trabalho cuja mais notável realização se discerne no conteúdo dos sonhos não pode ser atribuído ao estado de sono da vida anímica, uma vez que temos nos atos falhos provas tão abundantes de que ele também opera durante a vida de vigília. A mesma relação também nos proíbe de presumir que esses processos psíquicos que nos parecem anormais e estranhos sejam condicionados por uma desintegração radical da atividade anímica ou por estados patológicos de funcionamento.” (p. 178)

“Mas o caráter comum a todos os casos, tanto os mais leves quanto os mais graves, e que é igualmente encontrado nos atos falhos e nos atos casuais, é que os fenômenos podem ser rastreados a um material psíquico incompletamente suprimido, o qual, apesar de repellido pela consciência, ainda assim não foi despojado de toda a sua capacidade de se expressar.” (p. 179)

3. O delírio e os sonhos na *Gradiva*, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos.

Freud, Sigmund. *O delírio e os sonhos na Gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos*

(1906 - 1909). Vol. 8. Companhia das Letras.

“surgiu certo dia a curiosidade de se ocupar daqueles sonhos que jamais foram sonhados realmente, que foram imaginados por escritores e atribuídos a personagens inventadas, no contexto de uma narrativa.” (p. 14)

“Haveria dois caminhos para essa investigação. Um deles seria o aprofundamento num caso especial, nos sonhos criados por um autor em uma de suas obras. O outro consistiria em juntar e contrastar todos os exemplos de utilização de sonhos que podem ser achados em obras de diferentes escritores. O segundo caminho parece ser, de longe, o mais acertado, e talvez o único justificável, pois de imediato nos livra dos problemas ligados à adoção do conceito artificialmente unitário de “escritor” [Dichter].” (p. 17)

“O interesse que o herói da história tem pelo baixo-relevo é o fato psicológico básico da narrativa, e não acha explicação imediata.” (p. 19)

“Ele dá um nome à moça representada a andar: “Gradiva”, “aquela que anda”” (p. 19)

“Trata-se de chegar a um juízo crítico: “O escultor havia reproduzido o andar da Gradiva de forma fiel à vida?”. Ele não consegue evocá-lo por si próprio; na busca pela “realidade” desse andar, é conduzido a “encetar observações próprias da vida real, para esclarecimento da questão” (G., p. 9).” (p. 21)

“Como resultado desses estudos, descobriu que o andar da Gradiva não se verificava na realidade, o que o encheu de fastio e lamento.” (p. 22)

“Pouco depois teve um sonho terrivelmente angustiado, em que se achava na antiga Pompeia, no dia da irrupção do Vesúvio, e era testemunha da destruição da cidade. “Quando estava num lado do fórum, próximo ao templo de Júpiter, viu subitamente a Gradiva, a pouca distância de si. Até aquele instante não pensara na presença dela, mas agora lhe ocorria, como algo natural, que, sendo ela uma pompeiana, vivia na cidade natal e, sem que ele o suspeitasse, era sua contemporânea” (G., p. 12).” (p. 22)

“Ao despertar, acreditou ainda ter no ouvido os gritos confusos dos moradores de Pompeia em busca de salvação e o bramido surdo e ameaçador do mar em agitação. Mesmo depois de readquirir a consciência plena e ver que tais

ruídos eram as manifestações de vida da cidade grande que acordava, manteve ainda por algum tempo a crença na realidade do que sonhara.” (p. 24)

“Suas fantasias sobre ela foram de tal modo realçadas por aquele sonho, que agora ele a pranteava como alguém que perdera.” (p. 24)

“De súbito, algo como um sobressalto lhe veio, estando ele, ao que parece, ainda não inteiramente acordado do sonho. Acreditou ter visto na rua uma silhueta como a de sua Gradiva, reconhecendo-lhe até mesmo o andar característico.” (p. 24)

“envolvê-lo em suas fantasias, inventar-lhe nome e procedência, localizar na Pompeia soterrada havia mais de 1800 anos a pessoa que criou e, finalmente, após um estranho sonho angustiado, exacerbar até o delírio a fantasia sobre a existência e o fim da garota chamada Gradiva, delírio esse que adquiriu influência sobre os seus atos.” (p. 26)

““contra toda a expectativa e sem intenção”, encontra-se em Pompeia.” (p. 27)

“Por fim, não pode deixar de reconhecer que “sua insatisfação não é causada somente pelo que se acha ao seu redor, mas tem origem, em parte, dentro dele próprio” (G., p. 42). Sente que “está de mau humor, pois lhe falta algo, mas não consegue entender o quê”.” (p. 27)

““E, juntamente com essa lembrança, algo mais lhe surgiu pela primeira vez na consciência: desconhecendo ele próprio aquele impulso interior, ele viera para a Itália, seguira até Pompeia sem parar em Roma e Nápoles, com o fim de ali encontrar os rastros da Gradiva.” (p. 28)

4. Uma recordação da infância de Leonardo Da Vinci

Freud, Sigmund. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação da infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909 - 1910). Vol. 9.*

“Devemos enfatizar que em nenhum momento incluímos Leonardo entre os neuróticos ou, conforme a expressão deselegante, “doentes de nervos”.” (p. 147)

“Hoje sabemos que os sintomas neuróticos são formações substitutivas para certas repressões que tivemos de realizar no curso de nosso desenvolvimento de criança a adulto civilizado, que todos nós produzimos tais formações substitutivas, e que apenas o número, a intensidade e a distribuição delas justificam o conceito prático de doença e a conclusão de haver uma inferioridade constitucional.” (p. 147)

“Segundo pequenos indícios na personalidade de Leonardo, podemos situá-lo na vizinhança do tipo neurótico que denominamos “obsessivo” e comparar sua atividade pesquisadora à “ruminação obsessiva” dos neuróticos e suas inibições às assim chamadas “abulias” dos mesmos.” (p. 147)

“Os impulsos de olhar e de saberr foram maximamente estimulados pelas impressões da primeira infância; a zona erógena da boca recebeu um destaque que nunca mais abandonou. A partir da conduta posterior contrária — a enorme compaixão pelos animais — podemos concluir que fortes traços de sadismo não estiveram ausentes nesse período da infância.” (p. 148)

“a maior parte das necessidades do instinto sexual pôde ser sublimada em ímpeto geral de saber, devido ao precoce favorecimento da curiosidade sexual, escapando assim à repressão. Outra parte da libido, bem menor, permaneceu voltada para metas sexuais e representou a atrofiada vida sexual do homem adulto.” (p. 148)

“Devido à repressão do amor pela mãe, essa parte foi levada a uma atitude homossexual e manifestou-se como amor idealizado a garotos.” (p. 148)

“a criação do artista também dá vazão a seus desejos sexuais, e lembrar, a respeito de Leonardo, a informação — transmitida por Vasari — de que entre seus primeiros esforços artísticos sobressaíam cabeças de mulheres sorridentes e garotos bonitos, ou seja, representações de seus objetos sexuais.’ (p. 149)

“O desenvolvimento que o tornou um artista na puberdade foi sobrepujado por aquele determinado no início da infância, que fez dele um pesquisador; a segunda sublimação de seus instintos eróticos retrocedeu ante aquela primordial, preparada na primeira repressão.” (p. 149)

“Camadas ainda mais profundas de seu conteúdo psíquico tornaram-se novamente ativas; mas essa nova regressão beneficiou sua arte, que estava se atrofiando. Ele encontrou a mulher que lhe despertou a recordação do sorriso feliz e sensualmente arrebatado de sua mãe, e influenciado por isso reconquistou o ímpeto que o guiara no começo de seus esforços artísticos, quando representou mulheres sorridentes. Então pintou a Monna Lisa, Sant’Ana com a Virgem e o Menino e a série de quadros caracterizados pelo sorriso misterioso.” (p. 150)

“No caso de Leonardo, tivemos de sustentar o ponto de vista de que o acaso de seu nascimento ilegítimo e a excessiva ternura de sua mãe tiveram decisiva influência na formação de seu caráter e em seu destino posterior, já que a repressão sexual sobrevinda após essa fase infantil o levou a sublimar a libido em ânsia de saber e estabeleceu sua inatividade sexual por toda a vida posterior. Mas tal repressão após as primeiras satisfações sexuais da infância não era inevitável; talvez não tivesse aparecido em outro indivíduo, ou tivesse proporção muito menor.” (p. 152)

5. Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranoia (O Caso Schreber)

Freud, Sigmund. *Observações sobre um caso de neurose obsessiva (“o homem dos ratos”), uma recordação da infância de Leonardo Da Vinci e outros textos (1909 - 1910). Vol. 9.*

“A investigação psicanalítica da paranoia não seria possível se os doentes não tivessem a peculiaridade de revelar, ainda que de forma distorcida, justamente o que os demais neuróticos escondem como um segredo.” (p. 10)

“No início da internação manifestava várias ideias hipocondríacas, queixava-se de sofrer um amolecimento cerebral, de que morreria logo etc.” (p. 13)

“Ele não negava absolutamente seu delírio e não escondia a intenção de publicar suas Memórias.” (p. 15)

“A transformação em mulher (emasculação) era o delírio primário... que apenas secundariamente veio a ligar-se ao papel de Redentor.” (p. 18)

“Todo o livro de Schreber é permeado pela amarga queixa de que Deus, habituado ao trato com os mortos, não compreende os vivos.” (p. 23)

“Já não era liberdade sexual masculina, mas sensação sexual feminina; ele se colocava femininamente em relação a Deus, sentia-se mulher de Deus.” (p. 29)

“A perseguição registrada no delírio serviria, antes de tudo, para justificar a mudança afetiva no doente.” (p. 37)

“A fantasia feminina, que tanta resistência despertou no doente, teria raízes, então, no anseio por pai e irmão, intensificado eroticamente.” (p. 45)

“A mais temida ameaça do pai, a castração, realmente proporcionou o material para a fantasia-desejo de transformação em mulher.” (p. 49)

“A primeira fase consiste na fixação, que precede e é condição para toda 'repressão'.” (p. 58)

“O que consideramos produto da doença, a formação delirante, é na realidade tentativa de cura, reconstrução.” (p. 61)

“Na paranoia, a libido liberada se volta para o Eu, é utilizada para o engrandecimento do Eu.” (p. 63)

“As forças produtoras de mitos da humanidade não estão exauridas, mas nos dias de hoje ainda geram, nas neuroses, os mesmos produtos psíquicos que nos tempos mais remotos.” (p. 70)

6. Totem e Tabu - Parte I “O horror ao incesto”

Freud, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Volume XIII. (1913 - 1914)

“Naturalmente não era de se esperar que a vida sexual desses canibais pobres e desnudos fosse moral no nosso sentido ou que seus instintos sexuais estivessem sujeitos a um elevado grau de qualquer restrição. Entretanto, verificamos que eles estabelecem para si próprios, com o maior escrúpulo e o mais severo rigor, o propósito de evitar relações sexuais incestuosas. Na verdade, toda a sua organização social parece servir a esse intuito ou estar relacionada com a sua consecução.” (p. 07)

“Em quase todos os lugares em que encontramos totens, encontramos também uma lei contra as relações sexuais entre pessoas do mesmo totem e, conseqüentemente, contra o seu casamento. Trata-se então da ‘exogamia’, uma instituição relacionada com o totemismo.” (p. 08)

“Temos de acrescentar-lhes um certo número de ‘costumes’ que regulam as relações dos indivíduos com os seus parentes próximos, em nosso sentido do termo, costumes que são literalmente forçados com severidade religiosa e cujo intuito mal pode ser posto em dúvida. Esses costumes ou proibições costumeiras foram denominados de ‘evitações’.” (p. 11)

“Embora não possa haver dúvida quanto ao intuito e à significação das outras evitações entre parentes próximos e elas sejam universalmente consideradas como medidas protetoras contra o incesto, as proibições que afetam as relações entre genro e sogra receberam outra interpretação de certos grupos. Foi com justiça considerado incompreensível que todos esses diferentes povos sentissem um medo tão grande da tentação apresentada a um homem por uma mulher idosa, que poderia ser, mas de fato não era, sua mãe. (Crawley, 1902, 405.)” (p. 14)

“A única diferença seria que, no caso do parentesco de sangue, a possibilidade de incesto é imediata e a intenção de preveni-lo pode ser consciente. Nos outros casos, inclusive no das relações do genro com a sogra, a possibilidade de incesto parece ser uma tentação na fantasia, mobilizada pela ação de laços vinculantes inconscientes.” (p.16)

“Chegamos ao ponto de considerar a relação de uma criança com os pais, dominada como é por desejos incestuosos, como o complexo nuclear das neuroses. Esta revelação da importância do incesto na neurose é naturalmente recebida com ceticismo geral pelos adultos e pelas pessoas normais.” (p. 16)

“Somos levados a acreditar que essa rejeição é, antes de tudo, um produto da aversão que os seres humanos sentem pelos seus primitivos desejos incestuosos, hoje dominados pela repressão. Por conseguinte, não é de pouca importância que possamos mostrar que esses mesmos desejos incestuosos, que estão destinados mais tarde a se tornarem inconscientes, sejam ainda encarados pelos povos selvagens como perigos imediatos, contra os quais as mais severas medidas de defesa devem ser aplicadas.” (p. 17)

6. Totem e Tabu - Parte II “Tabu e ambivalência emocional”

Freud, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Volume XIII. (1913 - 1914)

“O significado de ‘tabu’, como vemos, diverge em dois sentidos contrários. Para nós significa, por um lado, ‘sagrado’, ‘consagrado’, e, por outro, ‘misterioso’, ‘perigoso’, ‘proibido’, ‘impuro’.” (p. 17)

“As restrições do tabu são distintas das proibições religiosas ou morais. Não se baseiam em nenhuma ordem divina, mas pode-se dizer que se impõem por sua própria conta. Diferem das proibições morais por não se enquadrarem em nenhum sistema que declare de maneira bem geral que certas abstinências devem ser observadas e apresente motivos para essa necessidade. As proibições dos tabus não têm fundamento e são de origem desconhecida.” (p. 18)

“Dessa forma, os primeiros sistemas penais humanos podem ser remontados ao tabu.” (p. 19)

“O ponto de concordância mais evidente e marcante entre as proibições obsessivas dos neuróticos e os tabus é que essas proibições são igualmente destituídas de motivo, sendo do mesmo modo misteriosas em suas origens.” (p. 23)

“Sintetizemos agora os pontos em que a concordância entre as práticas do tabu e os sintomas obsessivos é mais claramente mostrada: (1) o ato de faltar às proibições qualquer motivo atribuível; (2) o fato de serem mantidas por uma necessidade interna; (3) o fato de serem facilmente deslocáveis e de haver um risco de infecção proveniente

do proibido; e (4) o fato de criarem injunções para a realização de atos cerimoniais.” (p. 25)

“As mais antigas e importantes proibições ligadas aos tabus são as duas leis básicas do totemismo: não matar o animal totêmico e evitar relações sexuais com membros do clã totêmico do sexo oposto. Estes devem ser, então, os mais antigos e poderosos dos desejos humanos.” (p. 27)

“O tabu é uma proibição primeva forçadamente imposta (por alguma autoridade) de fora, e dirigida contra os anseios mais poderosos a que estão sujeitos os seres humanos. O desejo de violá-lo persiste no inconsciente; aqueles que obedecem ao tabu têm uma atitude ambivalente quanto ao que o tabu proíbe. O poder mágico atribuído ao tabu baseia-se na capacidade de provocar a tentação e atua como um contágio porque os exemplos são contagiosos e porque o desejo proibido no inconsciente desloca-se de uma coisa para outra. O fato de a violação de um tabu poder ser expiada por uma renúncia mostra que esta renúncia se acha na base da obediência ao tabu.” (p. 29)

“Na explicação aceita de todas estas observâncias de apaziguamento, restrição, expiação e purificação, dois princípios se combinam: a extensão do tabu do homem morto a tudo o que tenha entrado em contato com ele e o medo do seu fantasma.” (p. 33)

“Eles são pessoas privilegiadas; podem fazer ou gozar exatamente aquilo que aos outros é proibido pelo tabu. Contra esta liberdade, no entanto, verificamos que eles estão sujeitos a restrições por outros tabus dos quais as pessoas comuns estão isentas. Temos aqui um primeiro contraste - uma contradição quase - ou seja, o fato de o mesmo indivíduo ser tanto mais livre quanto mais restringido.” (p. 39)

“Como era de se esperar, os neuróticos obsessivos comportam-se exatamente como os selvagens em relação aos nomes. Como os outros neuróticos, apresentam um alto grau de ‘sensibilidade complexiva com relação a proferir ou escutar palavras e nomes específicos e sua atitude para com os próprios nomes impõe-lhes numerosas e, freqüentemente, sérias inibições.” (p. 45)

“A esse respeito, as observâncias dos tabus, assim como os sintomas neuróticos, têm um sentido duplo. Por um lado, em seu caráter restritivo, são expressões de pesar, mas, pelo outro, traem claramente coisa que procuram

ocultar - uma hostilidade contra o morto disfarçada em autodefesa. Já sabemos que certos tabus surgem do medo da tentação. O fato de um homem morto achar-se em desamparo está fadado a atuar como um incentivo a que o sobrevivente dê rédea livre às suas paixões hostis e essa tentação tem de ser contraditada por uma proibição.” (p. 48)

“Dessa maneira parece provável que também a consciência tenha surgido, numa base de ambivalência emocional, de relações humanas bastante específicas, às quais essa ambivalência estava ligada e que surgiu sob as condições que demonstramos se aplicarem ao caso do tabu e da neurose obsessiva, a saber: que um dos sentimentos opostos envolvidos seja inconsciente e mantido sob repressão pela dominação compulsiva do outro.” (p. 53)

“A natureza associal das neuroses tem sua origem genética em seu propósito mais fundamental, que é fugir de uma realidade insatisfatória para um mundo mais agradável de fantasia. O mundo real, que é assim evitado pelos neuróticos, acha-se sob a influência da sociedade humana e das instituições coletivamente criadas por ela.” (p. 56-57)

7. Totem e Tabu - Parte III “Animismo, magia e a onipotência de pensamentos”

Freud, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Volume XIII. (1913 - 1914)

“O animismo, em seu sentido mais estrito, é a doutrina de almas e, no mais amplo, a doutrina de seres espirituais em real. O termo ‘animatismo’ também foi usado para indicar a teoria do caráter vivo daquelas coisas que nos parecem ser objetos inanimados [ver adiante em [1]] e as expressões ‘animalismo’ e ‘hominismo’ também são empregadas em relação a isto.” (p. 58)

“O animismo é um sistema de pensamento. Ele não fornece simplesmente uma explicação de um fenômeno específico, mas permite-me apreender todo o universo como uma unidade isolada de um ponto de vista único. A raça humana, se seguirmos as autoridades no assunto, desenvolveu, no decurso das eras, três desses sistemas de pensamento - três grandes representações do universo: animista (ou mitológica), religiosa e científica.” (p. 59)

“Nossa abordagem psicanalítica do tema, entretanto, é feita de outro ângulo. Não é de se supor que os homens foram inspirados a criar seu primeiro sistema do universo por pura curiosidade especulativa. A necessidade prática de controlar o mundo que os rodeava deve ter desempenhado seu papel. Assim, não ficamos surpresos em descobrir que, de mãos dadas com o sistema animista, existia um conjunto de instruções a respeito de como obter domínio sobre os homens, os animais e as coisas - ou melhor, sobre os seus espíritos. Estas instruções são conhecidas com o nome de ‘feitiçaria’ e ‘magia’.” (p. 60)

“O fato de ter sido possível construir um sistema de magia contagiosa sobre associações de contigüidade mostra que a importância atribuída aos desejos e à vontade foi estendida desses dois fatores a todos os atos psíquicos que estão sujeitos à vontade. Uma supervalorização geral ocorreu assim com todos os processos mentais - isto é, uma atitude para com o mundo que, em vista de nosso conhecimento da relação entre a realidade e o pensamento, não pode deixar de impressionar-nos como uma supervalorização do pensamento.” (p. 64)

“As coisas se tornam menos importantes do que as idéias das coisas: tudo o que for feito às idéias das coisas inevitavelmente acontecerá também com as coisas. As relações mantidas entre as idéias de coisas manter-se-ão também igualmente entre as próprias coisas.” (p. 64)

“É nas neuroses obsessivas que a sobrevivência da onipotência dos pensamentos é mais claramente visível e que as conseqüências desse modo primitivo de pensar mais se aproximam da consciência.” (p. 65)

“Enquanto a magia ainda reserva a onipotência apenas para os pensamentos, o animismo transmite um pouco dela para os espíritos, preparando assim o caminho para a criação de uma religião.” (p. 69)

“Se tomarmos a repressão dos instintos como medida do nível de civilização que foi alcançado, teremos de admitir que mesmo sob o sistema animista efetuaram-se progressos e desenvolvimentos que são injustamente desprezados por conta de sua base supersticiosa.” (p. 73)

“Parece-me inteiramente possível, no entanto, que o mesmo que acontece com nossa atitude para com a psicologia daqueles povos que permaneceram no nível animista, aconteça com nossa atitude em relação à vida mental das

crianças, que, nós, adultos, não mais compreendemos, e cuja plenitude e delicadeza de sentimentos, em consequência, tão grandemente subestimamos.” (p. 74)

7. Totem e Tabu - Parte IV “O retorno do totemismo na infância”

Freud, Sigmund. *Totem e Tabu e outros trabalhos*. Volume XIII. (1913 - 1914)

“Os totens são, pelo menos, de três espécies: (1) o totem do clã, comum a todo um clã, passando por herança de geração a geração: (2) o totem do sexo, comum seja a todos os homens ou a todas as mulheres de uma tribo, com exclusão, em cada caso, do sexo oposto: (3) o totem individual, pertencente a um indivíduo isolado, sem passar aos seus descendentes (...)” (p. 76)

“Proponho dividir as teorias sobre a origem do totemismo em três grupos: - (a) o nominalista, (b) o sociológico, e (g) o psicológico.” (p. 80)

“Por conseguinte, a fonte suprema do totemismo seria a ignorância dos selvagens a respeito dos processos pelos quais os homens e os animais reproduzem suas espécies e, em particular, a ignorância do papel desempenhado pelo indivíduo do sexo masculino na fertilização. Essa ignorância deve ter sido facilitada pelo longo intervalo decorrente entre o ato de fertilização e o nascimento da criança (ou a primeira percepção de seus movimentos). Assim, o totemismo seria uma criação da mente feminina, antes que da masculina: suas raízes estariam nos ‘doentios caprichos das mulheres grávidas’. Realmente, qualquer coisa que impressione uma mãe naquele misterioso momento de sua vida em que pela primeira vez sente que vai ser mãe, facilmente poderia ser por ela identificado com a criança em seu ventre. Tais fantasias maternas, tão naturais e, ao que parece, tão universais parecem constituir a raiz do totemismo.” (p. 86)

“Há uma grande semelhança entre as relações das crianças e dos homens primitivos com os animais.” (p. 91)

“Pode-se com justiça dizer que nessas fobias de crianças reaparecem algumas das características do totemismo, mas invertidas para o negativo.” (p. 93)

“A domesticação dos animais e a introdução da criação de gado parece ter dado fim em toda parte ao totemismo estrito e inadulterado dos dias primevos. Mas esse caráter sagrado, tal como continuou sendo para os animais

domésticos sob o que então se tornou uma religião ‘pastoral’ é suficientemente óbvio para permitir-nos deduzir sua natureza totêmica original.” (p. 98)

“A psicanálise revelou que o animal totêmico é, na realidade, um substituto do pai e isto entra em acordo com o fato contraditório de que, embora a morte do animal seja em regra proibida, sua matança, no entanto, é uma ocasião festiva - com o fato de que ele é morto e, entretanto, pranteado. A atitude emocional ambivalente, que até hoje caracteriza o complexo-pai em nossos filhos e com tanta frequência persiste na vida adulta, parece estender-se ao animal totêmico em sua capacidade de substituto do pai.” (p. 101)

“O sistema totêmico foi, por assim dizer, um pacto com o pai, no qual este prometia-lhes tudo o que uma imaginação infantil pode esperar de um pai - proteção, cuidado e indulgência - enquanto que, por seu lado, comprometiam-se a respeitar-lhe a vida, isto é, não repetir o ato que causara a destruição do pai real.” (p. 103)

“A religião totêmica surgiu do sentimento filial de culpa, num esforço para mitigar esse sentimento e apaziguar o pai por uma obediência a ele que fora adiada. Todas as religiões posteriores são vistas como tentativas de solucionar o mesmo problema.” (p. 103)

“Temos justificativas para acreditar que, como um dos fenômenos de sua organização narcisista, eles supervalorizam seus atos psíquicos a um grau extraordinário. Conseqüentemente, o simples impulso hostil contra o pai, a mera existência de uma fantasia - plena de desejo de matá-lo e devorá-lo, teriam sido suficientes para produzir a reação moral que criou o totemismo e o tabu.” (p. 111 - 112)

“Mas os neuróticos são, acima de tudo, inibidos em suas ações: neles, o pensamento constitui um substituto completo do ato. Os homens primitivos, por outro lado, são desinibidos: o pensamento transforma-se diretamente em ação.” (p. 114)

8. Futuro de uma ilusão

Freud, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Volume XXI. (1927 - 1931)*

“A civilização, portanto, tem de ser defendida contra o indivíduo.” (p. 04)

“A questão decisiva consiste em saber se, e até que ponto, é possível diminuir o ônus dos sacrifícios instintuais impostos aos homens.” (p. 05)

“É tão impossível passar sem o controle da massa por uma minoria, quanto dispensar a coerção no trabalho da civilização.” (p. 05)

“Um tipo diferente de satisfação é concedido aos participantes de uma unidade cultural pela arte, embora, via de regra, ela permaneça inacessível às massas, que se acham empenhadas num trabalho exaustivo, além de não terem desfrutado de qualquer educação pessoal.” (p. 09)

“Consistem na relação do desamparo da criança com o desamparo do adulto, que a continua, de maneira que, como era de esperar, os motivos para a formação da religião que a psicanálise revela agora, mostram ser os mesmos que a contribuição infantil aos motivos manifestos.” (p. 15)

“As respostas aos enigmas que tentam a curiosidade do homem, tais como a maneira pela qual o universo começou ou a relação entre corpo e mente, são desenvolvidas em conformidade com as suposições subjacentes a esse sistema. Constitui alívio enorme para a psique individual se os conflitos de sua infância, que surgem do complexo paterno - conflitos que nunca superou inteiramente -, são dela retirados e levados a uma solução universalmente aceita.” (p. 20)

“ A religião, é claro, desempenhou grandes serviços para a civilização humana. Contribuiu muito para domar os instintos sociais. Mas não o suficiente. Dominou a sociedade humana por muitos milhares de anos e teve tempo para demonstrar o que pode alcançar. Se houvesse conseguido tornar feliz a maioria da humanidade, confortá-la, reconciliá-la com a vida, e transformá-la em veículo de civilização, ninguém sonharia em alterar as condições existentes. Mas, em vez disso, o que vemos? Vemos que um número estarrecidamente grande de pessoas se mostram insatisfeitas e infelizes com a civilização, sentindo-a como um jugo do qual gostariam de se libertar; e que essas pessoas fazem tudo que se acha em seu poder para alterar a civilização, ou então vão tão longe em sua hostilidade contra ela, que nada têm a ver com a civilização ou com uma restrição do instinto.” (p. 24 - 25)

“Comportando-nos dessa maneira, revestimos a proibição cultural de uma solenidade muito especial, mas, ao mesmo tempo, nos arriscamos a tornar sua observância dependente da crença em Deus.” (p. 27)

“Como podemos esperar que pessoas que estão sob domínio de proibições de pensamento atinjam o ideal psicológico, o primado da inteligência?” (p. 31)

“Não, nossa ciência não é uma ilusão. Ilusão seria imaginar que aquilo que a ciência não nos pode dar, podemos conseguir em outro lugar.” (p. 36)

9. Mal-estar na civilização

Freud, Sigmund. *O futuro de uma ilusão, O mal-estar na civilização e outros trabalhos. Volume XXI. (1927 - 1931)*

“No sentido do exterior, porém, o ego de qualquer modo, parece manter linhas de demarcação bem e claras e nítidas. Há somente um estado - indiscutivelmente fora o comum, embora não possa estigmatizado como patológico - em que ele não se apresenta assim. No auge do sentimento de amor, a fronteira entre ego e objeto ameaça desaparecer. Contra todas as provas de seus sentidos, um homem que se ache enamorado declara que ‘eu’ e ‘tu’ são um só, e está preparado para se conduzir como se isso constituísse um fato.” (p. 42)

“Se quisermos representar a seqüência histórica em termos espaciais, só conseguiremos fazê-lo pela justaposição no espaço: o mesmo espaço não pode ter dois conteúdos diferentes. Nossa tentativa parece ser um jogo ocioso. Ela conta com apenas uma justificativa. Mostra quão longe estamos de dominar as características da vida mental através de sua representação em termos pictóricos.” (p. 45)

“Esses dois versos, por um lado, traçam uma antítese entre a religião e as duas mais altas realizações do homem, e, por outro, asseveram que, com relação ao seu valor na vida, essas realizações e a religião podem representar-se ou substituir-se mutuamente.” (p. 48)

“A região onde essas ilusões se originam é a vida da imaginação; na época em que o desenvolvimento do senso de realidade se efetuou, essa região foi expressamente isentada das exigências do teste de realidade e posta de lado a fim de realizar desejos difíceis de serem levados a termo.” (p. 50 - 51)

“Como se estivéssemos procurando repudiar a primeira exigência que fizemos, reconhecemos, igualmente, como um sinal de civilização, verificar que as pessoas também orientam suas preocupações para aquilo que não possui qualquer valor prático, para o que não é lucrativo.” (p. 59)

“ Na família primitiva, falta ainda uma característica essencial da civilização. A vontade arbitrária de seu chefe, o pai, era irrestrita.” (p. 63)

“Até aqui, podemos imaginar perfeitamente uma comunidade cultural que consista em indivíduos duplos como este, que, libidinalmente satisfeitos em si mesmos, se vinculem uns aos outros através dos elos do trabalho comum e dos interesses comuns. Se assim fosse, a civilização não teria que extrair energia alguma da sexualidade. Contudo, esse desejável estado de coisas não existe, nem nunca existiu. A realidade nos mostra que a civilização não se contenta com as ligações que até agora lhe concedemos. Visa a unir entre si os membros da comunidade também de maneira libidinal e, para tanto, emprega todos os meios.” (p. 67)

“Evidentemente, não é fácil aos homens abandonar a satisfação dessa inclinação para a agressão. Sem ela, eles não se sentem confortáveis. A vantagem que um grupo cultural, comparativamente pequeno, oferece, concedendo a esse instinto um escoadouro sob a forma de hostilidade contra intrusos, não é nada desprezível.” (p. 71)

“Isso significa que a virtude perde direito a uma certa parte da recompensa prometida; o ego dócil e continente não desfruta da confiança de seu mentor, e é em vão que se esforça, segundo parece, por adquiri-la. Far-se-á imediatamente a objeção de que essas dificuldades são artificiais, e dir-se-á que uma consciência mais estrita e mais vigilante constitui precisamente a marca distintiva de um homem moral.” (p. 78)

“Numa dessas afecções, a neurose obsessiva, o sentimento de culpa faz-se ruidosamente ouvido na consciência; domina o quadro clínico e também a vida do paciente, mal permitindo que apareça algo mais ao lado dele. Entretanto, na maioria dos outros casos e formas de neurose, ele permanece completamente inconsciente, sem que, por isso, produza efeitos menos importantes.” (p. 83)

“Como já sabemos, o problema que temos pela frente é saber como livrar-se do maior estorvo à civilização - isto é, a inclinação, constitutiva dos seres humanos, para a agressividade mútua.” (p. 89)

“A questão fatídica para a espécie humana parece-me ser saber se, e até que ponto, seu desenvolvimento cultural conseguirá dominar a perturbação de sua vida comunal causada pelo instinto humano de agressão e autodestruição.” (p. 91).

10. Moisés e o monoteísmo

Freud, Sigmund. *Moisés e o monoteísmo, Esboço de psicanálise e outros trabalhos*. Volume XXXIII. (1937 - 1939).

“O herói é alguém que teve a coragem de rebelar-se contra o pai e, ao final, sobrepujou-o vitoriosamente.” (p. 07)

“Na forma típica da lenda, a primeira família, aquela em que a criança nasceu, é a aristocrática, freqüentemente de categoria real; a segunda família, aquela em que a criança cresceu, é humilde ou passa por maus dias. Isso concorda, ademais, com as circunstâncias [do ‘romance familiar’] a que a interpretação faz a lenda remontar. Apenas na lenda de Édipo essa diferença se torna indistinta: a criança que foi exposta por uma família real é recebida por outro casal real.” (p. 08)

“O desvio da lenda de Moisés em relação a todas as outras de sua espécie pode ser remontado a uma característica especial de sua história. Ao passo que normalmente um herói, no correr de sua vida, se eleva acima de seu começo humilde, a vida heróica do homem Moisés começou com ele descendo de sua posição elevada e baixando ao nível dos Filhos de Israel.” (p. 10)

“Algumas dessas diferenças podem facilmente derivar-se do contraste fundamental existente entre um monoteísmo estrito e um politeísmo irrestrito. Outras são evidentemente resultado de uma diferença em nível espiritual e intelectual, já que uma dessas religiões estava muito próxima de fases primitivas [de desenvolvimento], ao passo que a outra se elevou a alturas de abstração sublime.” (p. 12)

“Não podemos discutir a impressão de que esse Moisés de Cades e Madiã, a quem a tradição podia realmente atribuir o erguimento de uma serpente de metal como um deus da cura, é alguém inteiramente diferente do aristocrático egípcio por nós inferido, que apresentou ao povo uma religião em que toda a magia e todos os encantamentos eram proscritos nos termos mais estritos. Nosso Moisés egípcio não é menos diferente, talvez, do Moisés madianita do que o deus universal Aten o é do demônio Javé em sua morada no Monte de Deus.” (p. 22)

“Aqui, mais uma vez podemos invocar as provas fornecidas pela circuncisão, a qual repetidamente nos foi de auxílio, tal como, por assim dizer, um fósil-chave fundamental. Esse costume tornou-se obrigatório também na religião de Javé e, uma vez que estava indissolúvelmente vinculado ao Egito, sua adoção só pode ter sido uma concessão aos seguidores de Moisés, ou aos levitas entre estes, que não renunciariam a esse sinal de sua santidade, ver em[[1]]. Pelo menos isso de sua antiga religião eles desejavam salvar e, em troca, estavam prontos a aceitar a nova divindade e o que os sacerdotes de Madiã lhes contaram a respeito dela.” (p. 24)

“A descrição do ‘pastoreio no deserto’, que pode representar o período durante o qual Moisés governou, descreve uma sucessão de sérias revoltas contra sua autoridade, as quais também foram, por ordem de Javé, suprimidas mediante sangrentos castigos.” (p. 29)

“A história judaica nos é familiar por suas dualidades: dois grupos de pessoas que se reúnem para formar a nação, dois reinos em que essa nação se divide, dois nomes de deuses nas fontes documentárias da Bíblia. A elas, acrescentamos outras duas, novas: a fundação de duas religiões - a primeira reprimida pela segunda, não obstante emergindo depois vitoriosamente, por trás dela, e dois fundadores religiosos, ambos chamados pelo mesmo nome de Moisés e cujas personalidades temos de distinguir uma da outra. Todas essas dualidades são as conseqüências necessárias da primeira: o fato de uma parte do povo ter tido uma experiência que tem de ser considerada como traumática, à qual a outra parte escapou.” (p. 32)

“Sob três importantes aspectos, o deus posterior dos judeus tornou-se, ao final, semelhante ao velho deus mosaico. O primeiro e decisivo ponto é que ele foi verdadeiramente reconhecido como o único deus, ao lado do qual qualquer outro deus era impensável.” (p. 39)

“Tal seria o caso se uma pessoa aprendesse algo de novo para ela, que, com base em certas provas, teria de reconhecer como sendo verdadeiro, mas que contradiz alguns de seus desejos e choca algumas convicções que lhe são preciosas.” (p. 41)

“Denominamos traumas aquelas impressões, cedo experimentadas e mais tarde esquecidas, a que concedemos tão grande importância na etiologia das neuroses.” (p. 45)

“Trauma primitivo - defesa - latência - desencadeamento da doença neurótica - retorno parcial reprimido: tal é a fórmula que estabelecemos para o desenvolvimento de uma neurose.” (p. 50)

“Parece como se um crescente sentimento de culpa se tivesse apoderado do povo judeu, ou, talvez, de todo o mundo civilizado da época, como um precursor de retorno do material reprimido, até que, por fim, um desses judeus encontrou, ao justificar um agitador político-religioso, ocasião para desligar do judaísmo uma nova religião - a cristã.” (p. 54)

“Além disso, também, existe um fragmento de verdade histórica na ressurreição de Cristo, pois ele foi o Moisés ressurrecto e, por trás deste, o pai primevo retornado da horda primitiva, transfigurado e, como o filho, colocado no lugar do pai. O pobre povo judeu, que, com sua obstinação habitual, continuava a repudiar o assassinato do pai, expiou-o pesadamente no decurso do tempo.” (p. 57)

“O comportamento de crianças neuróticas para com os pais nos complexos de Édipo e de castração abunda em tais reações, que parecem injustificadas no caso individual e só se tornam inteligíveis filogeneticamente - por sua vinculação com a experiência de gerações anteriores.” (p. 63)

“Em nossos filhos, em adultos que são neuróticos, bem como em povos primitivos, deparamo-nos com o fenômeno mental que descrevemos como sendo uma crença na ‘onipotência de pensamentos’. Em nosso juízo, esse fenômeno reside numa superestimação da influência que nossos atos mentais (nesse caso, intelectuais) podem exercer na alteração do mundo externo. No fundo, toda a magia, precursora de nossa tecnologia, repousa nessa premissa.” (p. 71 - 72)

“A religião de Moisés, contudo, não desapareceu sem deixar traço. Uma espécie de lembrança sua sobreviveu, obscurecida e deformada, apoiada, talvez, entre membros individuais da classe sacerdotal, mediante antigos registros. E foi essa tradição de um grande passado que continuou a operar em segundo plano, por assim dizer, que gradativamente conquistou cada vez mais poder sobre as mentes dos homens, e finalmente conseguiu transformar o deus Javé no Deus de Moisés e chamar de volta à vida a religião de Moisés, que se estabelecera e fora depois abandonada, muitos séculos antes.” (p. 79)

“Após a instituição da combinação de clã fraterno, matriarcado, exogamia e totemismo, começou um desenvolvimento que deve ser descrito como um lento ‘retorno do reprimido’.” (p. 84)

Tema 3: Psicanálise em diferentes contextos

1. Um psicanalista fazendo outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise extramuros

Maia, M. V. C. M., & Pinheiro, N. N. B.. (2011). Um psicanalista fazendo outra coisa: reflexões sobre setting na psicanálise ext. *Psicologia: Ciência E Profissão*, 31(3), 656–667. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932011000300016>

“O que queremos destacar aqui é a posição freudiana de se abrir, mesmo no contexto de seu consultório, para a possibilidade de nem sempre, diante de um pedido de ajuda, dar início a um processo analítico, mas ter a clareza de que, em algumas ocasiões, e diante de determinados pacientes, podemos ser psicanalistas que fazem alguma outra coisa.” (p. 658)

“No entanto, em contraste com essa flexibilidade técnica, encontramos em sua obra um autor extremamente rigoroso em termos de teoria, e várias vezes o vemos sustentar seus argumentos sem ceder um milímetro em suas posições metapsicológicas.” (p. 663)

“Por essas razões, acreditamos tratar-se, em psicanálise, de um posicionamento ético, e não técnico. Talvez sejam essas as razões que permitiram que Freud, em muitas ocasiões, deixasse o conforto de seu consultório para efetuar sessões de análise com seus pacientes caminhando pelos parques e jardins ensolarados ou estrelados de Viena. “ (p. 664)

“O perigo é que, segundo o que nos informa André (2009), como analistas, podemos nos esconder atrás de uma falsa noção de objetividade ou de neutralidade e responder às necessidades vitais de nossos pacientes desse lugar morto e fazê-los reviver a experiência da mãe-morta que em nada auxilia o seu caminhar.” (p. 664)

“A perspectiva winnicottiana ao contrário, nos informa que tanto a mãe quanto o analista facilitariam o desenvolvimento de seu bebê/ paciente se pudessem responder de uma forma ativa e viva às suas necessidades. Acreditamos, assim, que a ocorrência de uma adaptação ativa às necessidades do paciente depende da possibilidade do analista em se abrir ao inusitado, como nos exemplos clínicos que apresentamos.” (p. 664)

“ Os lugares serão apenas suportes materiais para que uma outra cena se inaugure, uma outra narrativa seja possível, uma outra história possa ser contada.” (p. 665)